

HOMENS TRANS: TRANSITOS E TRAJETÓRIAS II

Francisca Valônia Souza Lemos (Kaio Lemos¹, Luma Nogueira de Andrade²)

Resumo: Este trabalho foi aprovado no processo de seleção do PIBIC/UNILAB (2015-2016) tendo o objetivo de identificar a sociabilidade e performatividades corporais dos homens trans do ATASH (Atendimento Ambulatorial em Sexualidade Humana). Procuramos apresentar formas alternativas de construções de corpos e sociabilidades de masculinidades trans. Nesse sentido, essas construções e sociabilidades abrem espaços para discussões referentes as quebras das categorias binárias homem/mulher e masculino/feminino legitimados pela biomedicina que compreendem corpos e suas performatividades atrelados aos órgãos genitais. Evidencia-se à análise do cotidiano e sociabilidade dos interlocutores através da pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, conduzidas por algumas questões elementares: Como os homens trans constroem atributos tidos como conservadores ao gênero masculino em seus corpos? Quem os orientam? Como gostam de serem chamados? Qual o gênero que revêdicam? Existe uma organização entre eles? Como e onde se divertem? O que dizem ou fazem as famílias destes sujeitos em relação as suas diferenças? Como são tratados na sociedade (na rua, na escola/universidade e no trabalho)? Como se estabelecem seus relacionamentos afetivos/sexuais? Quais as dificuldades que enfrentaram ao se auto afirmarem homens trans? Quais as conquistas advinda de suas lutas por visibilidade social? Estabelecemos neste estudo um diálogo principalmente com autores como Strathern (2014) Foucault (2014), Ávila & Grossi (s-d), Maércia Áran (s-d), Wacquant (2002), Pierre Bourdieu (1997), Gayle Rubin (s-d), Deleuze & Guattari (2012), Andrade (2015), Preciado (2008).

Palavras-chave: Gênero; Homens trans; Sociabilidade e Performatividade.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: kaiiolemosunilab@gmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: luma.andrade@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a identidade dos homens trans com a finalidade de compreender a subversão das normas de gênero. Buscamos entendê-los como uma construção histórica e cultural, correlacionando comportamentos, linguagens, performatividades, crenças, gestos, modo de ser e ambientes frequentados. Dentro deste cenário, apresentamos fatos ocorridos no decorrer da história dos interlocutores e também da própria experiência que fez o estudante bolsista desta pesquisa se construir enquanto homem trans, pois antes era identificado como mulher lésbica, que consideramos importante pela inserção no campo e pela empatia conquistada junto aos interlocutores. O ATASH foi o lugar onde encontramos nossos 9 (nove) colaboradores que permitiu colocar em prática a metodologia do trabalho, mesmo que o trabalho não tenha se limitado a este espaço ele foi o marco inicial para o desenvolvimento do estudo.

O ambulatório foi criado em meados de 2009 com a pretensão de introduzir o estudo e a prática clínica da Sexualidade Humana na grade curricular da Residência Médica em Psiquiatria, realizada de forma voluntária e com muitas dificuldades e resistências por parte de sujeitos conservadores que não aceitam a modificação dos corpos. O ATASH nos possibilitou compreender melhor o processo de transformação dos trans homens, além de compreender o trabalho realizado pelo mesmo, pois apesar de ter sido criado em 2009 ainda é pouco conhecido até mesmo por aqueles/as que fazem uso dos serviços disponibilizados. Apesar dos avanços o pensamento do biomédico ainda influencia o espaço, pois este pensamento está impregnado na cultura ocidental. Esta visão médica à transexualidade é tida como doença mental e todo o processo externalizador ou mais conhecido como transexualizador é protocolado por uma equipe médica, principalmente psiquiatras e endócrinos. A biomedicina entra no contexto com a manipulação dos medicamentos hormonais. Esse processo ousado que vem ocorrendo é possível percebê-lo através de situações como: sujeitos com problemas depressivos sendo sanados mediante o uso do Prozac, ereções se tornarem latentes com o consumo do Viagra, fertilidade ou esterilidade surtindo resultados em concepções e prazeres através de uma pílula, e finalmente o processo de transição FTM³ feminino/masculino através da testosterona sintética. Como diz Preciado: “Vivimos en la hipermodernidad punk” (2008, p.26) ou seja,

³ FTM: Female to Male

vivemos em uma sociedade em que é possível quebrar todas as barreiras e paradigmas. Casos como o de João Nery escrito em seu livro *Viagem Solitária: Memórias de um transexual*. Trinta anos depois, ele ainda relata:

João nasceu homem, mas preso num corpo de mulher. João foi o primeiro caso de transexual masculino, ou trans-homem (de mulher para homem), a ser notícia no Brasil, vindo a público em 1984, ano em que lançou o livro. Estamos falando aqui da minoria: um transexual que mudou seu corpo de mulher para homem – processo muito mais raro, complicado e precário do que o inverso. (NERY, 2011, p. 13 e 14).

A questão maior está se em todas essas descobertas é possível realizar todos os procedimentos? A junta médica se posiciona a favor dessa construção em sociedade? Existe harmonia entre subjetividade humana e medicina? Judith Butler também questiona:

Puede haber un médico o psicológico en adecuación con las normas del buen tratamiento, del tratamiento honorable y respetuoso, del tratamiento igualitario? No ha llegado acaso el momento de afirmar que adecuarse a las normas del tratamiento respetuoso es primordial mientras que adecuarse a las normas de género no lo es? (BUTLER, 2010, p.9).

Após estes questionamentos a autora põe em jogo a questão de que muitos profissionais da saúde prezam pelas normas de um tratamento respeitoso como algo primordial, ou seja, preza por um tratamento igualitário, porém é preciso lembrar que esses tratamentos respeitosos e igualitários almejados, não condizem muitas vezes com as necessidades dos homens trans. O tão sonhado tratamento respeitoso que deveria começar com o uso do nome social e seguir com o processo transexualizador geralmente não é respeitado e finaliza enquadrando as pessoas trans como patológicas.

METODOLOGIA

Neste trabalho foi necessário o método qualitativo do tipo etnográfico que possibilita a inserção no campo e aproximação com a realidade vivenciado com os interlocutores. Buscamos produzir um texto em que levasse em consideração a polifonia das experiências dos colaboradores e a do bolsista pesquisador, por ser homem trans, articulado com a orientadora que vivencia também a transexualidade mesmo que como mulher trans.

Com o método do tipo etnográfico foi possível detectar o olhar interno dos interlocutores e externo da comunidade local em relação aos trans homens através da observação participante, aplicação de questionários e entrevistas.

Utilizando-se de aparelho MP4, todas as entrevistas foram gravadas. As entrevistas possibilitaram conhecer as histórias de vida, incluindo relacionamento familiar, descoberta do sexo e da sexualidade, preconceitos, discriminações, assujeitamentos, resistências e sociabilidade.

Uma parte expressiva do ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo. Esse é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. Sendo esta técnica utilizada principalmente para os registros que foram observados no ATASH e nos encontros realizados fora deste.

Como afirma Pierre Bourdieu (1997) em *Meditações Pascalianas*, que “aprendemos com os corpos” e que o espaço da afetividade está sempre se alastrando, nesse sentido é estabelecido que o pesquisador: “submeta-se ao fogo da ação”. Logo, nós e os interlocutores estávamos vinculados e realizando participações intensivas nas redes sociais, nas trocas que se estabelecem no dia-a-dia em um grupo no Facebook e no Whatsapp e utilizamos essas ferramentas como meios de comunicação, informação, conhecimento e divertimento. Tivemos uma agenda mensal de encontro com o grupo com o objetivo de trocarmos nossas experiências e falarmos de nossas vivências. Como dar conta, antropológicamente, de uma prática tão intensamente corporal? A primeira resposta foi escapar do objeto pré-construído da mitologia coletiva que esconde as alegrias e tristezas da vida de um homem trans, conhecer a rotina destas vidas, a longa e difícil arte de se montar, de se produzir fisicamente e moralmente, os rituais que produzem/reproduzem e a economia corporal/simbólica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tentativa de compreensão do funcionamento das práticas de sociabilidade dos homens trans produzida nessa pesquisa mostra que estamos inseridos em uma complexa rede de sociabilidade vivenciada constantemente em torno da hormonioterapia e modificações corporais (cirúrgicas e/ou não cirúrgicas) e a grande dificuldade de se manter no sistema educacional e adentrar no mercado de trabalho.

Nesse sentido, estas práticas ou artes estão inscritas nestes corpos em estudo pelo uso da testosterona, Minoxidil, binder, packer e pump. E que em nenhum momento estes sujeitos se sentem inferiores aos demais homens não trans. Nesse cenário, é observado que as práticas vivenciadas por cada um desta pesquisa fortaleceu a vida de todos esses indivíduos a ponto de criarem com a influência deste estudo uma associação de luta pela garantia de direitos

considerando suas especificidades, de forma a tornar cada vez mais possível e saudável o convívio com a sociedade.

CONCLUSÕES

A inclusão, permanência e sucesso dos homens trans é um desafio a ser superado em muitas das sociedades ocidentais, inclusive no estado do Ceará. Sensibilizados com a carência de trabalhos acadêmicos que revelem a realidade local foi que resolvemos pesquisar a sociabilidade e performatividade dos homens trans frequentadores do ATASH, ambulatório ligado à Residência Médica em Psiquiatria do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto, projeto desenvolvido em parceria com o hospital HSMM (Hospital de Saúde Mental de Messejana) localizado no município de Fortaleza-Ceará. Neste ambulatório são atendidos indivíduos rotulados com “disforia de gênero”, com diferentes diagnósticos e graus de gravidades.

AGRADECIMENTOS

Aos homens trans envolvidos na realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma. **Travestis na Escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa**. Metanoia, 2015.

ANDREA Tone. **Devices Na Desires: A history of Contraceptives in American**. Hill and Wang, Nueva York, 2001.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina. In: **FAZENDO GÊNERO: Diásporas, Diversidade, Deslocamentos**.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOUCIER, Sam. **BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual**. 2014.

BOURDIEU. Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.